

O serviço de bombeiras militares: conflitos de gênero, diferença e identidade.

Reycilane Carvalho Chadud¹

Resumo

Este artigo contempla as primeiras indagações acerca do serviço de bombeiros feminino do estado de Goiás. Ainda que, se trate de um resumo das primeiras observações, eu o chamo de ensaio, permitindo-me ousar nas suposições que observo em tese. Há uma discussão premente em relação a identidade dessas profissionais pautada na literatura do setor de serviços e na experiência da realidade que o trabalho traz para elas e além delas. Por outro lado, não deixo de discutir as implicações da jornada de trabalho e da identidade profissional junto a sociedade. Recorro a alguns trabalhos desenvolvidos anteriormente na área civil do setor de serviços para realçar o entendimento do contexto militar, evidenciando a aceitação pública da profissão e a discussão de gênero no ambiente militar.

Palavras-chave: trabalho, gênero, identidade e setor de serviços.

A entrada das primeiras mulheres no serviço militar de bombeiros no estado de Goiás foi tardiamente ocorrida, quando se leva em conta, o processo de integração do corpo militar feminino em outros estados da federação. Em Goiás, as primeiras bombeiras foram efetivadas apenas no início do ano 2000, alcançando o menor nível hierárquico da carreira: a posição de soldado.

Consideravelmente, os estudos sobre o trabalho militar feminino, desde a abertura dos primeiros postos nas forças armadas – iniciado na segunda metade da década de 1960 – tiveram como principal enfoque a discussão em torno da diferenciação de uniformes, lotação funcional na área da saúde e dificuldades no enfrentamento da realidade do trabalho, contrapondo a um senso comum de invalidação da mulher para certas atividades operacionais. Essas poucas discussões delineavam uma história para as mulheres nessas corporações: a lotação delas em postos de trabalho “feminizados”.

Não devemos esquecer que, outra história marcou a execução do estudo de gênero e trabalho nas instituições: a conjuntura do nascimento da própria ciência sociológica – fase industrial – que contemplou significativamente para análise a organização produtiva e seu processo de fabricação de bens materiais. Houve assim, certa preferência a estudos de chão de fábrica em detrimento a um campo que crescia, mormente às novas configurações sociais, as atividades em serviços.

Como prova desta circunstância toma-se a insipiente literatura considerada “clássica” em serviços, que teve como expoente na Europa a obra “Os empregados” de Siegfried

¹ Doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás, servidora pública a treze anos no Corpo de Bombeiros Militar de Goiás e integrante da Coordenação Geral Pedagógica do Colégio da Polícia Militar Polivalente Gabriel Issa em Anápolis.

Kracauer, desenvolvida apenas na primeira metade do século XX. Nesta obra o autor analisa os empregados de escritório civis e que infelizmente, não pode ser considerada “ideal” para se tratar a condição de bombeiras a que propomos tratar neste ensaio. Isso porque sua função é basicamente instaurada na hierarquia militar, rebatendo um forte senso comum que o tipifica erroneamente como um serviço civil e, segundo, porque as ações de bombeiros na maioria dos outros países são efetuadas pela administração civil/voluntária e não a militar.

Diante desses pontos dificultosos para o exercício de uma revisão bibliográfica frente às diferenciações em relação ao campo de trabalho militar, e somando a isso, a insipiente literatura deste objeto dentro da sociologia do trabalho em serviços, o elencar em primeira mão serviços militares como objeto de pesquisa foi por muito tempo considerado como algo estranho, ainda mais, contemplando o gênero.

A escolha desta profissão para estudo, remete sobremaneira a importância social que tem frente a outros serviços do Estado que não se habilitam do slogan de “Vidas Salvar”. As ações propostas pela corporação culminaram, dentre outras ações para que um grau de responsabilidade maior no trabalho seja firmado (GONZÁLES, BECK, DONADUZZI e STCKEL, 2006), indo além do potencial humano (LIMA e ASSUNÇÃO, 2011; MURTA e TRICOLI, 2007; STCKEL, FIORINI e GUSMAN, 2009), e favorecendo a um estresse maior da profissional tanto dentro de suas atuações, como em sua vida social extra-trabalho (FARIA, 2000; SOERENSEN, 2008; NATIVIDADE, 2009). Nisso se pauta uma de nossas preocupações básicas que é a forte tendência com que o trabalho de bombeiras se torne em abrangência demasiada sua identidade individual (BUCASIO, 2007) e somado a extensa jornada de trabalho, que ocupa mais que sessenta horas semanais, e que somada as atividades domésticas e cuidados da vida, agravam mais ainda sua situação de estresse, doenças físicas e psiconeuróticas.

Assim, para o entendimento da proposta deste trabalho e da própria história do trabalho feminino nas corporações militares, torna-se imprescindível considerar todo o processo originado com a reestruturação produtiva e flexibilização do trabalho, que promoveu uma inserção maior dessas mulheres no mercado de trabalho, mesmo que, em uma posição subalterna, com cotas de inserção, menos poder de mando e menos acesso a postos de comando, antes percebida na iniciativa privada brasileira e exemplificada na profissão de bombeiros.

A prevalência das distinções

Historicamente, quando houve as transformações sociais ocasionadas pelo crescimento urbano, juntamente com as dificuldades da vida citadina como: violência, caos no trânsito, e aumento dos riscos sociais, constatou-se um crescimento nos postos de trabalho em serviços principalmente na área de saúde, orientados no sentido de preservar/salvar vidas por razões humanitárias e sociais. Houve neste mesmo período, um crescimento de postos de trabalho no setor de serviços militares de bombeiros, principalmente em atividades que antes eram reconhecidamente masculinas, como o socorrismo de resgate, combate a incêndio, salvamentos aquáticos, em altura e terrestres.

É certo que, a entrada das mulheres na maioria dos serviços militares teve como pano de fundo os processos de redemocratização política do Brasil a partir de 1988, com a Constituição Federal. Deste marcador promove-se uma política institucional: a “necessidade do trabalho feminino”. Ainda que, em moldes sexuais, reservando as mulheres, atividades direcionadas à problemática social, à ajuda a comunidade, idealizando um trabalho pacificador e protetor (Donadio, 2009, p.82).

Com esse aumento dos serviços pessoais, detectado primeiramente por Erving Goffman (1974), os estudos nas atividades entre pessoas receberam influências que posteriormente geraram interesses com enfoques diversos como; a identidade do trabalhador, as relações de gênero e de pessoalidade, afetividade e emoção. Esses enfoques são caracterizadores do sistema ocupacional e profissional das atividades de serviços contemporâneas e não deixam de explicitar de forma excelente a atividade de bombeiros.

Mesmo com o aumento das perspectivas de estudo em relação ao setor de serviços, não se tem muitos trabalhos que enfoquem a análise o microfísico (FOUCAULT, 1979) do trabalho e do trabalhador especializado no desempenho de suas atividades e nem especificamente a ambientes militares. Diante de tal situação, uma pergunta se faz apropriada para fase de significação do serviço de bombeiros frente à sociedade: quais seriam as representações sociais das trabalhadoras diante de sua situação como bombeiras, já que os estudos sobre o tema são escassos, e que segundo o relatório da Presidência da República (2013) sobre o perfil das trabalhadoras na segurança pública não existe atualmente nenhum estudo realizado no país levando em conta essas profissionais.

Este fato é mais afligido quando deparamos com a lógica do sistema militar que muitas vezes é fechado a pesquisas, e tem a partir do próprio sistema de trabalho uma diferenciação em sua identidade profissional, não permitindo que eficazmente seja aproximada a outras categorias de trabalhadores, já que seus comportamentos são pautados

em uma lógica que extrapola as designações usuais e regimentais de “conduta de vida civil” (SANTOS, 2010; ALMEIDA, 2007).

Colocando em evidencia as transformações ocorridas nas formas de organização do trabalho, pelos processos de reestruturação produtiva, nas relações de gênero e nas novas formas de organização do tempo de trabalho flexíveis (escalas de serviço), de trabalho aos domingos e feriados que pontua um maior “distanciamento da profissional do local de trabalho” como se apregoa as políticas em defesa das jornadas militares de trabalho, algumas perguntas vem à tona principalmente levando em conta a distinção social que é “ser militar”:

Como se organiza o trabalho das bombeiras diante das intensas jornadas de trabalho e desgaste excessivo, tanto físico quanto psíquico?

Por ser um trabalho majoritariamente exercido por homens, como se constitui a identidade feminina num ambiente em que o imaginário social considera masculino?

Como se dão os arranjos entre trabalho e ambiente doméstico para as mulheres casadas ou chefes de família?

Que relação pode existir favorável entre a flexibilidade de horários de trabalho?

Todas essas situações vistas pela perspectiva das escalas de serviço, em primeiro plano viabilizam os cuidados domésticos e de reprodução da vida sem dar possibilidade de uma verdadeira conceituação do que é um tempo de não trabalho (DAL ROSSO, 1996). Como ficaria a relação entre trabalhadora e trabalho, tendo em vista as emoções que sentem nele e fora dele?

Diante de uma forte aceitação pública da profissão de bombeiros e de sua importância social em confronto ao intenso desgaste ocupacional exercido sobre essas profissionais é que pontuamos a importância deste estudo, uma vez que, a identidade feminina nestes trabalhos militares foi primeiramente pontuada como uma forma de “humanização” para essas instituições (CALAZANS, 2003) visando “efeitos cosméticos” e de “marketing” que planejado pelos próprios comandos das instituições nunca foram totalmente explicitados (SOARES & MUSUMICI, 2005).

Sabemos que os estudos sobre trabalho em sua maioria dão privilégio à análise das trabalhadoras a partir de uma lógica explicativa do setor de serviços civis que buscam a racionalização do tempo e no aumento da produção (MOREIRA, 2007), o que vai contra as expectativas e posicionamento dos bombeiros (BORTALIERO, 2002) que buscam a cidadania e promoção de ideias altruístas, e também, em sua maneira particular de ver seu trabalho como uma “não qualidade de vida” despontada a partir de uma deficiência

organizacional (NATIVIDADE, 2009) que subtrai muitas vezes a identidade particular à identidade profissional com o subterfúgio dos chamados “serviços essenciais” à sociedade.

Um caminho proposto para estudar tais trabalhadoras em suas mais diferentes situações de serviço, numa abordagem sociológica não pode de maneira alguma deixar de contemplar as representações sociais corporativas, intentando fornecer subsídios a uma mudança de caráter tanto interna (mudança na forma distinção de gênero para o trabalho) quanto externa (menor identificação da trabalhadora como militar operacionalizada por parte da sociedade).

A maioria das interpretações feitas em torno das bombeiras pela comunidade apresenta-as positivamente e como símbolo de diferenciação social hierárquica e horizontal em relação às outras mulheres, que nas opiniões sobre a execução de seu trabalho, comentam um grau enorme de satisfação e reconhecimento realçado sempre pela mídia e que corrobora, de forma intensa para retratar a profissão como identidade fora mesmo de seu ambiente de trabalho (NATIVIDADE, 2009).

As definições conceptuais da sociedade de tal profissional como sendo uma heroína, recorrem a própria finalidade da atividade de “salvar vidas”, onde se criam ideias em torno da profissional que podem estabelecer uma identidade diferenciada em relação a outras mulheres, isso porque, no pensamento social aí surgido, a interpretação desta bombeira urge como uma mulher mais forte e tática, que não deixa ao mesmo tempo de ser altruísta (SAMPAIO, 2008). Isso garante e renova a relação afetiva social que se mantém entre bombeiras e possíveis vítimas, emendada de maneira tão significativa na sociologia das emoções.

Neste aspecto, podemos hipoteticamente dizer que as representações sociais que as bombeiras militares têm principalmente das crianças (BAIÃO, 2006) e da sociedade como um todo, são diversas daquelas enfatizadas pelas mesmas, e pelos colegas de trabalho. Isso incorre pela existência de duas significações possíveis de identidades sobre a mesma trabalhadora, aquela da sociedade em geral e aquela arranjada pelo próprio grupo, que desencadeia uma análise em termos da diferenciação do antes e depois da inserção dessas mulheres neste tipo de atividade.

Diante da relevância de um trabalho de sociologia crítica a respeito das referidas “sujeitas de pesquisa”², e supostamente heroínas pelo senso comum, a prática da pesquisa se

²Esta expressão será utilizada ao longo do texto como forma particular da autora para perceber as profissionais bombeiras, em vez de “sujeitos de pesquisa”. No entendimento da autora serve como evidencia ao restrito gênero pesquisado.

justifica em quatro aspectos primordiais: o primeiro buscará debater a assertiva da sociedade onde o serviço de bombeiros é reconhecidamente uma atividade masculina. Assim, nega-se a condição destas mulheres como “sujeitas” que possam tecnicamente e eficazmente realizar o trabalho. Seria este trabalho totalmente centrado na força física? Desta forma, seria possível conciliar verdadeiramente a ideia de heroína a essas trabalhadoras, já que socialmente os heróis são marcados por poderem realizar atividades que os simples seres humanos não conseguem.

Poderíamos considerar que o meio de trabalho e a conduta de vida militar apontam como agente explicador da “não aceitação” do gênero feminino na atividade? Portanto, essas profissionais percebidas como objetos, poderiam manter a não significação atual que representam socialmente? Se “justificaria” a partir disso, a grande aceitação pública da identidade quando revelada socialmente sua identidade de trabalho como bombeira? Ou há outro tipo de significação para essas profissionais, que venham a coadunar com suas subjetividades e perspectivas frente ao que enfrentam no trabalho? No caso das bombeiras que relatam manter uma relação de amor com sua profissão esta ideia se confirma, mesmo diante das oposições “supostamente machistas” que sofrem dentro e fora do quartel? Será que realmente as condições psíquicas de ser mulher apontam para uma distinção dada aos trejeitos femininos?

Todas essas questões não são apresentadas pela literatura atualmente e se apresentada, é em relação à análise da Psicologia não tendo muita conexão, não sendo observada em um processo de afirmação e negação desta identidade pelo grupo e no grupo. Pautando-se não somente no reconhecimento, mas também nos dilemas advindos da profissão por ser mulher e na inquietante relação ocorrida no ambiente doméstico, a experiência da jornada dupla se torna saliente e preocupante quando o tipo de serviço realizado é de atendimento e segurança a vidas humanas.

A pretensão da pesquisa é observar mesmo que de maneira panorâmica - e aqui utilizando em muitas das vezes literaturas voltadas para o olhar do setor de serviços civil - diferenciações que possam apontar outros caminhos de explicação para uma suposta negação de identidade positiva de grupo, na e pelas circunstâncias propositais que elas se dão.

O segundo aspecto que toma atenção no desenvolvimento da pesquisa é o fato propositado de estudar as bombeiras militares a partir de um contraponto básico sob a ótica comparativa de ambientes de trabalho (quartel – casa), e que favorece a uma definição de uma identidade profissional pautada na técnica e não em considerações do senso comum de divisão sexual do trabalho, mas sim em políticas de reconhecimentos de experts (FRIEDSON, 1986).

Tal literatura, hegemônica na área, defende ser necessário fazer comparações entre ambientes de trabalho diferentes, para absorver as prevalecentes diferenciações, que conseqüentemente possuem cognições destoantes que: 1- grande parte das pessoas que não trabalham em serviços de bombeiros não as têm; 2- as “permitem” se diferenciar de outras mulheres socialmente ou 3- possuem a função de “justificar” para os próprios bombeiros militares masculinos, as possíveis diferenciações na sociabilidade do trabalho que tornam as bombeiras marcadamente diferenciadas.

Assim, a pesquisa procura questionar a lógica da explicação das bombeiras militares pelo viés das distorções cognitivas, utilizando-se de uma reflexão sobre a construção histórica, social e cultural da “sujeita” bombeira, por meio dos preceitos teórico-metodológicos da Sociologia, distanciando das noções pré-concebidas socialmente e amplamente difundidas pela mídia televisiva.

O terceiro aspecto da pesquisa trata da possibilidade de aprimorar os conhecimentos sobre a subjetividade das bombeiras, suas emoções e experiências vividas no trabalho, e até o momento negligenciado nas pesquisas, e que vão pelo viés da aceitação e reconhecimento público. Saber quem são as bombeiras militares e o que pensam sobre sua atividade, juntamente com o desvendamento de possíveis estigmas (GOFFMAN, 1988), pode ajudar na proposição de políticas públicas de reconhecimento de direitos sociais para o grupo feminino de bombeiras, que, diferentemente dos profissionais masculinos, inserem seus direitos apenas como militares e não como trabalhadoras femininas de jornada dupla, a partir da visibilidade do trabalho doméstico.

Isto possibilitará uma estratégia de reconhecimento de alguns direitos até o momento não reservados a essas profissionais, como uma jornada de trabalho mais cômoda numa tentativa de se manterem mais distantes do stress e psicopatologias do trabalho (DEJOURS, 1988).

Não se trata de ignorar a identidade evidenciada pela representação social dessas sujeitas bombeiras, mas de avançar na discussão sobre as ações que forneçam respostas eficientes para sua contribuição à sociedade, uma vez que o serviço de bombeiros, por si só, tem sido reconhecidamente a segunda profissão mais estressante por natureza, perdendo apenas para as atividades das forças armadas em geral, segundo pesquisa da Universidade de Wisconsin-Madison, publicada pela CareerCast.com.

Por último, o quarto aspecto de pesquisa evidencia a necessidade de realizar reflexões históricas e teóricas sobre o surgimento do trabalho de bombeiras militares numa categoria de *outsiders* (ELIAS; SCOTSON, 2000) e a convalidação do trabalho feminino no

mesmo, visto que, o interesse primeiramente objetivava uma humanização da instituição considerando que a entrada das mulheres distanciaria a instituição da identidade de truculência em resultado do período autoritário que o país historicamente passou. Ainda mais, poderiam efetuar atividades “feminizadas” como o exercício do serviço burocrático, telefonia, recepção, e posteriormente no caso do serviço de resgate a “assistência especializada” a feridos em acidentes de trânsito ou a vítimas de emergências clínicas (DIAS, 2008), permanecendo uma identidade de passividade e cuidado da vida.

A permanência histórica de conflitos

Com o advento significativo do trabalho feminino em forças militares auxiliares na década de 1990, houve uma nova configuração do espaço social dos “bombeiros” que procuraram adaptar-se à nova realidade política, dada à inserção feminina nos quartéis e principalmente nas atividades ditas como operacionais. Estas políticas foram levadas a cabo pelo Estado no sentido claro de oportunizar as mesmas condições a ambos os sexos. Contudo, diferentemente dos profissionais do sexo masculino, a inserção das mulheres nestas atividades tem se estabelecido permeada por conflitos de toda ordem, os quais remetem sobremaneira à questão de gênero, desde o momento em que se coloca “cotas de inserção” para a entrada das mulheres em cada uma das Unidades da Federação.

Tal perspectiva pode ser evidenciada nos estudos feitos a respeito das mulheres na Marinha do Brasil entre os anos de 1980 e 2008 (LOMBARDI; BRUSCHINI; MERCADO, 2009) em que, como tendência internacional apontou-se processos de feminização e profissionalização nas instituições militares como incompreensíveis quando olhados independentemente.

Isso porque, a feminização nas instituições militares ocorreu num processo de racionalização do trabalho militar, a partir do enxugamento de quadros e necessidade de pessoal qualificado. Essa reestruturação dos serviços militares veio atrelada a necessidade de um maior nível educacional nas áreas da saúde; como odontologia, enfermagem e medicina e pessoalizados; como serviço burocrático de atendimento ao público e uso de tecnologias informacionais, sendo totalmente distanciadas das atividades operacionais.

A experiência revelada dos conflitos de gênero na atividade de bombeiros foi primeiramente percebida como questão pela proponente deste ensaio, em relatos de entrevistas feitos em trabalho de graduação intitulado “O SOCORRISTA DE RESGATE E O RECONHECIMENTO SOCIAL: dilemas na profissão de bombeiros”, no curso de bacharel em ciências sociais pela Universidade Federal de Goiás no ano de 2009.

O trabalho revelou em princípio nuances da relação tênue entre ser mulher, militar e socorrista em Goiás. Continuando o trabalho de graduação, no mestrado³, foi desenvolvida uma pesquisa aproximativa com alguns quartéis da cidade de São Paulo (SP), área Norte, buscando refletir a realidade do trabalho e a identidade desses profissionais como ocorrido em Goiás. Algo muito instigante aconteceu em São Paulo: não houve nenhuma voluntária para realizar a entrevista. Essa situação me deixou muito incitada quando percebia que nas conversas informais existiam muitos relatos que envolviam a discussão de gênero, machismo e diferença. Ainda mais quando, como percebido no primeiro trabalho, as falas apontavam para um desgaste relacional entre as socorristas femininas e a identidade laboral tão grifada pelo senso comum.

Depreendeu-se destas experiências de pesquisa, que as experiências emocionais das trabalhadoras deveriam ser investigadas numa perspectiva triádica, constituída pela relação com o espaço de trabalho, o espaço social da vida pública e o espaço doméstico. No tocante ao espaço de trabalho, o quartel, este microcosmo que muito tem a revelar, a dominação masculina se exerce, em primeira instância, pelo corpo, na suposição de senso comum que qualifica as mulheres como incapazes de exercerem as atividades profissionais de bombeiros.

Essa representação acerca da atividade de bombeiros idealizada como masculina, presume, segundo Goffman (1977), a influência de uma educação dada diferentemente a meninos e meninas originada na esfera doméstica e que se aprimora quando as crianças vão à escola, momento esse, em que mais uma vez vão se criando e reforçando atributos e valores distintivos, para integrar as identidades de gênero como sendo masculina e feminina:

na medida em que o indivíduo constrói quem é e do que é referindo-se à sua classe de sexo e julgando-se em termos dos ideais de masculinidade (ou feminilidade), pode-se falar em identidades de gênero. Parece que essa fonte de auto-identificação é uma das mais profundas que a nossa sociedade dispõe, talvez até mais do que a idade, e nunca distúrbios ou mudanças de gênero são previamente considerados como uma questão fácil (p. 304).

Existe então, com o preenchimento por mulheres de formas de existência de prestação de serviço antes reservadas aos homens, um processo ao qual Simmel (2001) chama de “significado cultural objetivo”. Esse processo de inserção de mulheres em atividades antes criadas e adaptadas a capacidade de produção e prestação de serviço masculina, revela uma consciência por parte das mesmas (as trabalhadoras) de uma cultura da profissão e da

³ A pesquisa desenvolvida intitulada *Os socorristas de resgate bombeiros militares: entre o reconhecimento social e a dinâmica da necessidade*, teve como objeto de pesquisa os bombeiros do 2º Grupamento de Bombeiros que contava na época com mais de 5 postos de atendimento na grande São Paulo.

especialização deste trabalho nada assexuada e que, segundo Bourdieu (2003), trata as relações de gênero como elementos de reprodução social, legitimando as diversas formas de dominação que organizam as relações entre homens e mulheres, em detrimento de uma abordagem que discuta a relação de gênero como uma desigualdade de poder (SCOTT, 1988).

A naturalização da identidade feminina, de sua sensibilidade e de sua exacerbada caracterização psíquica, descreve bem o que Ortner (1979) referenda: “está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura”. Isso acontece porque é colocado a partir das representações sociais de gênero no trabalho, um envolvimento direto com as pessoas como indivíduos e não como representante de uma categoria social, ou seja, a partir de uma lógica profissional que testemunha várias distinções em torno do que é um trabalho feminino e o que é um trabalho masculino. É uma simbologia da mulher no trabalho a partir da cultura, onde as concepções de suas atitudes funcionam tendentes a polaridades ambíguas entre natureza e cultura, e a mulher apareça numa posição de mediadora de relações em grau inferior ao dos homens, favorecendo ao “sistema pan-cultural de subordinação das mulheres”.

Por outro lado, a condição feminina nesta relação de trabalho dos bombeiros é encoberta pela vestimenta que encobre os indicativos do corpo⁴ da trabalhadora, encerrando sobre as curvas uma homogeneização pela forma, de modo que, diante da farda, o corpo masculino e feminino pareça um só corpo. Em contraposição a isso, no cotidiano, as trabalhadoras fazem uso de batons de intensa coloração e maquiagem sofisticada, buscando realçar a identidade feminina. Assim, o mesmo corpo simbolicamente dominado também deflagra a resistência e subverte o poder masculino.

Tomando esses primeiros levantamentos observa-se que, a condição feminina deve ser pensada ainda, a partir das mudanças biológicas e psíquicas decorrentes do período menstrual próprio da mulher, como a chamada tensão pré-menstrual, a qual acarreta uma série de sintomas psíquicos de alteração de humor, indisposição e cólicas, que impactam diretamente no desempenho do trabalho, já que presumem uma indisposição involuntária da mulher nestes períodos.

Os homens por não serem acometidos por esses processos biológicos e psíquicos, bem como, por um conjunto de representações acerca da condição feminina, não tem noção da complexidade relacional entre corpo e trabalho para as mulheres. Neste período suas atividades se tornam ainda mais desgastantes e conferem juntas para uma representação da

⁴Para fundamentar a discussão sobre a noção de “corpo” utilizaremos as literaturas de David Le Breton, *Adeus ao corpo* (Editora Papirus) e *Sociologia do Corpo* (Editora Vozes).

mulher que muitas vezes não coincide com a realidade e necessidade do serviço de bombeiros, conceituando-as em dois polos antagônicos de identificação a partir do trabalho: boas e más de serviço.

A representação da mulher ideal/boa para o serviço de bombeiros seria aquela que contraria a representação social da mulher frágil e submissa, uma vez que, no momento da ocorrência desmistifica-se a ideia da mulher tradicional – indefesa, sensível e fraca – e surge a representação da mulher “bombeira” que em meio aos riscos, adversidades e imposições das circunstâncias do espaço de trabalho, revela-se profissional, forte, sangue frio e tática.

A representação da mulher não ideal para o serviço, está significativamente referendada a falta de condições físicas para o trabalho, que vem a fundar-se em grande parte no serviço braçal. Esta suposição é representativa da distinção herdada socialmente de que os homens como sexo forte, não são frágeis como as mulheres, subordinando-as a caracterizações totalmente distanciadas daquelas modernamente aceitas a partir da especialização dos trabalhos, que garante a partir da técnica a possibilidade de execução de uma tarefa a qualquer um que esteja qualificado para realizá-la (FRIEDSON, 1986) mas, que é um tanto insuficiente para entender as distintas significações das limitações do corpo para homens e mulheres em diferentes culturas.

É certo que nas interações de serviço, das quais o serviço de bombeiras é parte integrante, evidencia-se o que Goffman descreve como um jogo de representação, efetuado mediante o uso de “técnicas de manipulação da impressão”, através das quais se busca estabelecer uma disciplina da representação. Essa disciplina pode ser utilizada para conferir méritos ou desinteresse a quem ela é direcionada, requerendo do prestador de serviços a capacidade de “suprimir seus sentimentos espontâneos a fim de dar a impressão de não abandonar a linha emocional, o *status quo* expressivo estabelecido pela representação de sua equipe” (1985, p. 199), que neste caso é a identidade profissional e institucional de bombeiros supondo um “alguém” que desempenha atividades muito além das capacidades humanas normais.

No plano da subjetividade, a tentativa das mulheres de escamotear seus dramas pessoais em nome de uma aparente resistência física e psíquica promove um sentimento de “angústia” e de inferiorização em relação aos homens. A linguagem é bastante reveladora para caracterizar o comportamento requerido para mulher trabalhadora de resgate, com expressões que revelam força física, bom desempenho e distanciamento da ideia de sensibilidade, sendo tratadas como “fodonas”, “toras”, “caxias”, brutas” no mais das vezes

quando não cumprem com mestria o trabalho, são tidas como “escamonas”⁵, “lendas”⁶, “monstras”⁷, “anjas” e “lixonas”⁸.

É preciso observar que o insuficiente desempenho no trabalho está também relacionado a problemas de ordem emocional. Se tratando de uma atividade militar, problemas de ordens psicopatológicas são bastante frequentes, para as mulheres este sofrimento, conforme coloca Christophe Dejours (1988), é invisível sendo que, a partir de determinado tempo a trabalhadora passa sobremaneira a se culpabilizar por um possível fracasso na realização de certos procedimentos de serviço, e a considerar que a doença emocional ocasionada pelo trabalho estressante e totalmente desgastante é de responsabilidade própria, e não das condições reais do trabalho as quais está submetida. Cabe ainda tratar da doença no espaço doméstico, no qual segundo Dejours (pág. 32, 1988):

Para a mulher a doença não pode autorizar a paralisação do trabalho. Não só porque os filhos não podem ficar sem os cuidados de suas mães mas também porque, como se diz nesses lugares, para as mulheres não há “paralisação do trabalho, não há medicina do trabalho”.

Levando em consideração a organização hierárquica do trabalho militar é possível inferir que, a auto cobrança por parte das bombeiras em períodos de doença ou mal estar, ou qualquer outra adversidade é ainda maior. É nesse momento que as trabalhadoras são tomadas pelo sentimento do medo e ansiedade, sendo que estes também “são os meios pelos quais se consegue fazer respeitar os preceitos hierárquicos” (pág. 102, Dejours, 1988). O trabalho para elas é antes de tudo regido pela emoção, seja no sentido de manifestação ou no sentido de obliterá-lo. Do mesmo modo a vida cotidiana, fora do trabalho, também o é. Isso vem a coadunar com a ideia de que é a partir da esfera da reprodução das relações, as quais o cotidiano da nossa vida pessoal vem a demonstrar significativamente como as emoções, na maioria das vezes, governam as nossas atitudes, e podem no ambiente do trabalho contribuir para o reflexo de doenças e invalidações quando não diagnosticadas e tratadas.

A experiência emocional

Na realidade do trabalho, as experiências emocionais, que muitas vezes são apropriadas do trabalhador para bel-prazer da instituição de serviço, são suprimidas no

⁵ Diz respeito a profissional que faz corpo mole para o trabalho, ou muitas vezes se esquiva de fazê-lo.

⁶ É a bombeira que é vagarosa, não consegue adaptar-se as realidades de trabalho que buscam rapidez em seus exercícios.

⁷ Conota a bombeira que é racionalmente e fisicamente incapaz para a realidade do trabalho de bombeiros, ela não tem perfil para ser bombeira, ela é horrível para o serviço.

⁸ É a bombeira preguiçosa, incapaz tecnicamente, sebosa, que não se adequa nem na aparência militar, é a pior expressão dentro do militarismo para descrever um profissional, é um lixo não serve para nada.

sentido de manter a representação e aceitabilidade pública a partir do uso da ideia de “corpo, corporação, organismo”, como se todos os trabalhadores, e principalmente as trabalhadoras, fossem responsáveis, na medida em que realizam seu serviço, pela imagem da instituição e por tudo que a instituição juntamente com os servidores e servidoras, possam desfrutar: os benefícios e mazelas.

Se o trabalhador prestar um serviço de má qualidade, a sociedade encarará a profissão como desnecessária, se trabalhar bem a instituição conseguirá socialmente ser reconhecida e os trabalhadores obterão bons salários, reconhecimento etc. Neste caso, como aponta Moraes (2005), a emoção se torna um instrumento de trabalho, porque os profissionais ficam conduzidos a não se demonstrarem no que lhes parece de direito como trabalhador, e demonstrarem somente aquilo que viabiliza a imagem profissional da instituição:

Essa situação de constante interação representa para os trabalhadores de serviço a exigência de constante gerenciamento das emoções de modo a promover um sentido organizacionalmente definido para as relações de serviço, com raízes nas expectativas socialmente construídas pelos clientes, e que são a razão de ser dessas organizações no sentido de que é deles que provém a sua sobrevivência. (p. 18)

Na situação de trabalho das bombeiras evidenciamos traços daquilo que Simone Weil (1979) encontrou em seu trabalho sobre a opressão, feito com operários em fábricas da França por volta de 1936. Em suas constatações, o ambiente de trabalho não era considerado um lugar onde se fazia a felicidade, mas sim um lugar de opressão onde os trabalhadores deixavam sua alma, uma espécie de lata em que se vai com um sentimento excessivamente doloroso, onde cada passo para a ida ao trabalho é penoso moralmente, e na volta para casa o é fisicamente (p. 86). Nessas condições de extremo desgaste físico quanto psicológico, a tentação mais forte que um trabalhador pode se dar nesta vida de opressão e escravidão, é a de não pensar mais na situação para não sofrer (p. 79) e assim, aceitar as imposições do meio de trabalho como normais, tendendo a cair na naturalidade.

É possível predizer que a autora Weil, em seu trabalho de campo pode também pela experiência, sensibilizar-se com o mistério da infelicidade de alguns trabalhadores (p. 130) e essa é uma das indagações que este trabalho tem como proposta de pesquisa. Já que para a proponente do estudo, suas ligações com o serviço de bombeiros se dão desde o ano de 2001, na condição de mulher e bombeira, e a partir de 2007 também como esposa de militar.

Desta parte, o não observar às mulheres bombeiras, a partir de uma condição ao mesmo tempo como pesquisadora e objeto, é o não pensar em um estigma sobre si, já que o não pensar nessa consideração, pelo artifício da descrença, facilitaria o aceite de uma

condição subordinada de não poder de fala. Essa sem dúvida não é a intenção deste estudo, visto que, preconiza-se aqui o que Simone Weil preconizava: “Nenhuma sociedade pode ser estável quando uma categoria inteira de trabalhadores trabalha todo dia, e o dia todo, com desgosto” (p. 145), principalmente se essa categoria é responsável pela segurança e cuidado de vidas humanas.

A pergunta aqui também é a mesma de Weil: como buscar extirpar um mal sem a percepção clara de sua existência por aquelas trabalhadoras que sofrem as mazelas, que já naturalizaram as situações de diferença, machismo e subalternidade. Na ligação entre pensamento e sentimento de sofrimento, o não falar é a arma mais eficaz, e a cultura da instituição se garante a partir dessa situação, corroborando para expropriar as emoções que as bombeiras possam sentir no exercício de suas funções e numa localização das mulheres como silenciadas (SPIVAK, 2010) frente a essa cultura de trabalho e a uma subalternização destas por um “teto de vidro” (SILVEIRA, 2009) que não as deixa ocupar cargos de chefia que possivelmente proporcionariam mudanças nessa cultura de trabalho pela própria experiência:

Só as podem sentir quando esquecem que não são livres; mas raramente podem esquecer, porque a morsa da subordinação se torna sensível, através dos sentidos, do corpo, de mil miudezas que preenchem os minutos que formam uma vida [...] Há regras que não são nunca observadas, mas que estão perpetuamente em vigor [...] Apesar de tudo isso é preciso que o trabalho seja feito (Weil, 1979, p.131).

Observando a própria definição que se tem do ambiente de trabalho dos militares que é a caserna, pode-se entender que o local de trabalho, é considerado como uma extensão da casa, já que é um local onde se pode comer, tomar banho, dormir, etc. Mas será que essa relação é verdadeira? O que podemos deduzir quando, nas atitudes mais individuais, que seja o próprio corpo existem efetivamente em vigor manobras das trabalhadoras socorristas para evidenciar sua feminilidade? Como podemos explicar a irônica evidencia hoje em muitos quartéis, mesmo depois de mais de uma década da entrada dessas mulheres não existam alojamentos reservados a elas? Como podemos explicar possíveis considerações de fala que exaltem uma tentativa de distanciamento maior possível das atividades do quartel e do uso da farda quando em seus dias de folga?

Mais concernente seria pensar a mesma condição para militares casadas com outros militares: como seria a relação com o local de trabalho, tendo em vista que, o mesmo possa ser identificado como uma extensão da divisão social do trabalho emaranhada no lar, e não supostamente como uma emancipação? Essas são algumas das inquietações deste trabalho que procura observar as tênues relações e as mais diferentes posições de enfrentamento realizadas

no lar, na sociedade e no trabalho ao mesmo tempo, e que configura para uma dimensão de identidades femininas pautadas a todo tempo numa negociação, onde “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza” (Hall, 2011, p. 9).

Utilizando-me dos estudos de Goffman (1985) acerca das especificidades das organizações de serviços e de suas instituições, remeto-me a ideia de que, através do processo de “auto-afastamento” uma pessoa chega a sentir-se estranha a si mesma. Este estranhamento é fortuito para a pesquisa, pois, é nesta etapa que o pesquisador em sua consciência de atitudes se coloca fora do contexto em que está agregado tentando compreendê-lo melhor.

É também nesta perspectiva que tento realizar esse estudo, pautando-me é claro, em um distanciamento, e ao mesmo tempo em um controle do envolvimento que tenho com o objeto (Elias, 1998), o que me promoverá discutir eficazmente a respeito dessas circunstâncias de trabalho de bombeiras, do fato de ser mulher e da identidade que se apresenta como fortemente influenciada pela socialização militar e pelas relações de estigma, às quais pela experiência pude ver acontecer com algumas colegas de trabalho.

A experiência (DUBET, 1998) dessas profissionais visibilizada institucionalmente permite uma socialização dessas sujeitas como um processo paradoxal, através do qual, essa “indivídua”⁹ se identifica primeiro com os outros, os adultos masculinos, depois com os valores nos quais os outros acreditam, porque as regras e as proibições socialmente construídas na infância e na educação reverberam, mesmo na fase adulta, numa resistente distinção dos papéis sexuais pela influência dada na socialização e na representação obtida pelos traços institucionais criados em geral pela sociedade.

Há neste aspecto, o que Dubet chama de frutos de um processo de “desinstitucionalização” que de maneira grosseira tenta reprimir a personalidade a papéis institucionais. Essa situação corrobora para a existência de conflitos tanto subjetivos, quanto institucionais e sociais de uma representação de papéis eivada de “desencaixes” (GIDDENS, 1991) onde há uma sociedade que ao mesmo tempo lida com processos modernos de construção do indivíduo, mas, se esbarra em forças reguladoras antigas.

Assim, lembrando-me das considerações de Goffman (1985) sobre as interações ocorridas na região de bastidores, e aqui exemplificadas no serviço de bombeiras, o centro de referência é tomado pelo próprio indivíduo, onde ele realmente se identifica com o que faz e com a representação que dispõe na instituição (p. 120). O bastidor aqui é o local exato de

⁹ Tem a mesma conotação/denotação de indivíduo.

divulgação das verdadeiras emoções junto à prestação de serviço e tudo aquilo que se observa na instituição.

É nesta representação que basicamente procuro evidenciar as diferentes interpretações acerca do mundo não visualizado socialmente na prestação de salvamento e socorro a vidas, não deixando de observar que, várias vezes a servidora de bombeiros na interação de serviço, na região de fachada em atendimento as vítimas, se desdobra para exercer o que a função lhe solicita e também constrói uma ação, a partir das interpretações que ela mesma faz da situação em que se encontra no trabalho, para ser e ir além do que ela mesma possa suportar.

É importante ressaltar que no âmbito da prestação de serviços, a interação existente entre servidores e clientes, e neste caso, as servidoras estaduais bombeiras e os possíveis usuários do serviço, as dimensões da realização da atividade de combatente e socorrismo também se dão em três diferentes dimensões que Hochschild (1983) aponta sendo: labor, display e emoción. A primeira representa o próprio trabalho a partir da relação profissional observada na realidade típica de cada profissão. A segunda pontua a representação que o profissional tem definido pela instituição e à qual é bem visível. A terceira que é a da emoção representa a parte mais interessante para o desenvolvimento deste trabalho, pois remete as mais variadas formas de controle emocional, existentes na execução de atividades de trabalho voltadas para a realização de prestação de serviços ao público.

É possível entender a partir dos estudos de Hochschild (1979), que as políticas institucionais dos bombeiros militares voltadas principalmente para a defesa institucional e de conduta para as mulheres, ocorrem no controle acerca de como se deve sentir, com uma determinação de regras emocionais, que orientam o trabalho exercido e estabelecem um senso de autorização e obrigação, diferenciando poderosamente o que “eu sinto” do que “eu devo sentir”.

É na parte da emoção relacionada ao trabalho que preside a maior inquietação de pesquisa no setor de serviços, e principalmente em atividades que institucionalmente tem uma identidade social tão positiva como a de bombeiros. É a cerca de uma possível contradição entre o que a instituição faz e o que ela diz que faz (GOFFMAN, 1961, pág. 70), que se desenrolam as representações, os sentimentos e desafios para as trabalhadoras que realizam este serviço.

Isso favorece para que ações tanto dentro como fora da instituição de bombeiros, em sua vida pessoal, essas militares passem a representar em princípio aquilo que lhes é arrogado pela instituição, ou que traduzam seu mundo emocional privado contrário ao emblema

rotulado pela instituição, como a identidade de heroína, formando assim, a representação desta indivíduo nas interações de serviço militar.

É tem que rebolar. Bom, o fato de ser mulher dentro de uma corporação militar que tem mulher há dez anos, é que a gente aqui é minoria absoluta. Eu acho que é mais complicado do que para os homens. Numa relação constante eles cobram que você dê conta, você é mulher... mas você veio pra cá, então tem que dar conta... ao mesmo tempo parece que eles querem proteger. Fica uma relação muito confusa. Não pode deixar de se menininha, não pode deixar de ser mulher e ao mesmo tempo tem que superar as expectativas o tempo inteiro para poder ser aceita. Porque daqui um pouco a guarnição não vai querer uma mulher no quartel, não vão querer uma mulher na viatura e a gente vai só perdendo espaço. Tem que sempre ter muito jogo de cintura, muita força física para poder dar conta do serviço e ir sempre se aperfeiçoando até mais do que a maioria pelo fato de ser mulher. Agora enquanto militar, para atender as expectativas da corporação é se adequar ao regime tentar se adequar ao militarismo, porque ele não muda e acho que não vai mudar nunca e não vai deixar de existir nunca. Porque se você sai fora dele por mais que pareça bobo e nada a ver com o serviço, são as regras e a gente tem que se adaptar. (XXX, 32 anos).

São essas representações coletivas distintas num meio de trabalho como o de bombeiros, formadas a partir das maneiras de agir, de se identificar com os pares, com os superiores hierárquicos e com os outros grupos profissionais, que se constrói a tipificação de ação de um sujeito pertencente a um grupo de trabalho e também mudado por ele. Esta ação de tipificação deseja reconhecimento, e fundamenta suas atitudes num campo em que as forças desiguais de acesso ancoram sua identidade numa perspectiva de relações de poder. O espaço de reconhecimento dessa identidade social “depende da legitimidade das categorias utilizadas para identificar os indivíduos” e se torna “indissociável dos *espaços de legitimação dos saberes e competências* associados às identidades” (Dubar, 2005, p. 155).

A identidade social não é transmitida por uma geração a seguinte, cada geração a constrói, com base nas categorias e nas posições herdadas da geração precedente, mas também através das estratégias identitárias desenvolvidas nas instituições pelas quais os indivíduos passam e que eles contribuem para transformar realmente (Idem, p. 156).

Em respeito às mudanças de identidade muitas vezes ocorridas pela atuação no mundo do trabalho, que vislumbrariam para as mulheres a emancipação e a absorção de novas identidades escolhidas para si, motivando alguns arranjos e estratégias de gênero na esfera doméstica e na recolocação de alguns papéis, grande importância se dá ao tempo em que cada um dos sexos destina aos afazeres domésticos, principalmente nas situações como as de bombeiras e bombeiros casados.

O entendimento relacional entre esses dois espectros (casa e trabalho), pontuaria eficazmente que a observância primeira de uma desigualdade de gênero neste mercado de trabalho, com a instituição de cotas para a entrada de mulheres, visivelmente associada a uma segregação ocupacional, que mesmo com a inserção de mulheres em grupos ocupacionais

mais prestigiosos (BRUSCHINI, 2000), como os de carreira militar, não significa de modo algum um rompimento com um tipo de classificação de atributos e qualificações pautados em caracterizações do self feminino tanto no trabalho como na casa, permanecendo a partir disso uma perpetuação do processo de construção de uma identidade sexuada no trabalho e na casa.

Considerando as interpretações de Nunes (2011) acerca dos dois estudos feitos por Hochschild no ano de 2003: *“The Second Shift”* e *“Commercialization of Intimate Life”*, a análise da construção dos mitos de família e estratégias de gênero compactua em si que “o reconhecimento da mulher na esfera pública do trabalho, tem como correlata a desvalorização do self de mulher-mãe e de sua posição no arranjo entre os sexos doméstico” (p. 77). Ainda que, como aponta os estudos de Dedecca (2004), o tempo dispensado pelas trabalhadoras na reprodução social em atividades de proximidade (cuidar de crianças e idosos, por exemplo), não demonstre indícios de que venha a diminuir, mesmo com todo avanço tecnológico no ambiente doméstico.

Não resta dúvida de que com filhos, e sendo uma mulher “chefe de família”, o arranjo familiar para o desempenho do trabalho doméstico implique em uma sobrecarga total da mulher. Observar então, os impactos de tais possibilidades para as trabalhadoras bombeiras e ainda mais nas acentuações desses dramas movidos no doméstico, atende a agenda de políticas para melhorias até mesmo em suas escalas de serviço.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Adriana Conrado de. Avaliação da implantação e do desenvolvimento do sistema público municipal de atendimento pré-hospitalar móvel na cidade do Recife. Recife: centro de Pesquisa Ageu Magalhães, 2007. (Dissertação de Mestrado)
- BAIÃO, Jonê Carla. 2006. Dissertação (Doutorado em Linguística) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. “Tia, existe mulher bombeira?” Meninas e meninos co-construindo identidades de gênero no contexto escolar.
- Brasil. Secretaria Nacional de Segurança Pública (SENASP). Mulheres nas instituições de segurança pública: estudo técnico nacional / Secretaria Nacional de Segurança Pública. – Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria Nacional de Segurança Pública (SENASP), 2013.
- BRUSCHINI, M. C. A. Gênero de trabalho no Brasil: novas conquistas ou persistência da discriminação? In: ROCHA, Maria Izabel Baltar da (Org). Trabalho e Gênero. Mudanças, permanências e desafios. São Paulo: 34, 2000. p. 13-58.
- BUCASIO, Erika de Paiva. “burnout em equipes de resgate e salvamento do Corpo de Bombeiros Militares do município do Rio de Janeiro”. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007. (Dissertação de Mestrado).
- BOURDIEU, Pierre. A Dominação Masculina. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- CALAZANS, Márcia Esteves de. *A constituição de mulheres em policiais: um estudo sobre policiais femininas na Brigada Militar do Rio Grande do Sul*. Instituto de Psicologia.PPG Psicologia Social e Institucional. UFRGS. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, 2003.

- CARDOSO, Ana Cláudia Moreira. *Tempos de trabalho, tempos de não trabalho: vivências cotidianas de trabalhadores*. São Paulo, 2007. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo.
- CHADUD, Reycilane Carvalho. *O socorrista de resgate e o reconhecimento social: dilemas na profissão de bombeiros*. Goiânia: Faculdade de Ciências Sociais. Universidade Federal de Goiás, 2009. (monografia)
- CHADUD, Reycilane Carvalho. *Os socorristas de resgate bombeiros militares: entre o reconhecimento social e a dinâmica da necessidade*. Goiânia: Faculdade de Ciências Sociais: Universidade Federal de Goiás, 2013. (Dissertação de mestrado)
- DAL ROSSO, Sadi. *A jornada de trabalho na sociedade: o castigo de Prometeu*. São Paulo, LTr, 1996.
- DEDECCA, C. S. Tempo, trabalho e gênero. In: BEZERRA, M. E. L. et al. (orgs.). *Reconfiguração das relações de gênero no trabalho*. São Paulo CUT Brasil, 2004. p. 21-54.
- DEJOURS, Christophe. *A loucura do trabalho*. Estudo de psicopatologia do trabalho. São Paulo, Cortez, 1988, 3 ed., p. 96-118.
- DIAS, Adriano Rogério Navarro. *Características das Vítimas de Colisão Automotivas Presas entre as Ferragens e Seu Atendimento na Fase Pré-Hospitalar*. São Paulo: Faculdade de Medicina. Universidade federal de São Paulo, 2008. (Tese de Doutorado)
- DONADIO, Marcela. *La mujer en las instituciones armadas y policiales: resolución 1325 y operaciones de paz en América Latina*. 2009. Buenos Aires: RESDAL -Red de Seguridad y Defensa de América Latina. 1ª. Edição.
- DUBAR, Claude. *A socialização. Construção das identidades sociais e profissionais*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____. *A crise das identidades. A interpretação de uma mutação*. Porto: Afrontamento, 2006.
- DUBET, François. *A formação dos indivíduos: a desinstitucionalização*. IN: Revista Contemporaneidade e Educação, ano 3, vol.3, 1998, p.27-33.
- ELIAS, Norbert e SCOTSON, John L. *Os Estabelecidos e os Outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- ELIAS, Norbert. *Envolvimento e Alienação*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- FREIDSON, Eliot. *O renascimento do profissionalismo: teoria, profecia e política*. São Paulo. Ed. USP, 1986, p. 07-90.
- GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Editora UNESP, 1991.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do Eu na vida cotidiana*; trad. Maria Célia Santos raposo. Petrópolis: Vozes, 1985.
- _____. *Estigma. Nota sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1988.
- _____. *The arremgement between sexes*. Theory and society, Davis, v. 4, n.3, p. 301-331, fall 1977.
- GONZALES, Rosa Maria Bracini; BECK, Carmem Lúcia Colombé; DONADUZZI, Joanita Cechin and STEKEL, Lilian Medianeira Coelho. *O estado de alerta: um exploratório com o Corpo de Bombeiros*. Esc. Anna Nery [on line]. 2006, vol.10, n.3, p. 370-377. ISSN 1414-8145. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-81452006000300003>
- GORZ, André. *Metamorfoses do Trabalho*. Busca do Sentimento: Crítica da razão econômica. São Paulo, Annablume, 2007.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomás Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11. ed., 1. reimp. – Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- HOCHSCHILD A. R.; MACHUNG, A. *The second shift*. New York: Penguin, 2003.

- HOCHSCHILD, A. R. Commercialization of intimate life. Notes from home and work. Berkley: University of California, 2003.
- _____. Emotion Work, Feeling Rules, and Social Structure. *American Journal of Sociology*, Vol. 85, 1979.
- _____. *The Managed Heart – commercialization of human feeling*. Los Angeles: University of California Press, 1983.
- KRACAUER, Siegfried. *Die Angestellten (Os empregados)*, Frankfurt aM: Suhrkamp, 1971
- LE BRETON, David. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Campinas: Editora Papirus; 2003.
- _____. *A sociologia do corpo*. Petrópolis: Editora Vozes; 2006.
- LIMA, Eduardo and Paula and ASSUNÇÃO, ADA Ávila. Prevalência e fatores associados ao Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) em profissionais de emergência: uma visão sistemática da literatura. *Rev. bras. Epidemiol.* [on line]. 2001, vol.14, n.2, p. 217-230. ISSN 1415-90X. <http://dx.doi.org/10.1590/S1415-790X2011000200004>
- LOMBARDI, Maria Rosa; BRUSCHINI, Cristina; MERCADO, Cristiano M. *As mulheres nas forças armadas brasileiras: A Marinha do Brasil 1980-2008*. São Paulo: FCC/DPE, 2009.
- MORAES, Elias Inácio de. *A expropriação da emoção*. Goiânia, 2005. Dissertação (mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Goiás.
- MURTA, Sheila Giardini and TROCCOLI, Bartolomeu torres. Stress ocupacional em bombeiros: efeitos de intervenção baseada em avaliação de necessidades. *Estud. psicol. (Campinas)* [online]. 2007, vol. 24, n.1, p. 41-51. ISSN 0103-166X. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2007000100005>
- NATIVIDADE, Michelle Regina da. *Vidas em risco: a identidade profissional dos bombeiros militares*. *Psicol. Soc.* [on line]. 2009, vol, 21, n.3, p. 411-420. ISSN 0102-7182. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822009000300015>
- NUNES, Jordão Horta. *As transformações na divisão sexual do trabalho e os novos arranjos de gênero domésticos*. In: Jordão Horta Nunes e Revalino Antônio de Freitas (Org). *Trabalho e Gênero: entre a solidariedade e a desigualdade*. Goiânia: Ed. Da PUC Goiás, 2011. 69-90.
- ORTNER, Sherry B. *Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura?* In: ROSALDO, Michelle e LAMPHERE, Loise. (orgs). *A mulher, a cultura e a sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- SAMPAIO, Alexandre ArgôloMessa. *O processo de retração das instituições estatais – o paradoxo do Corpo de Bombeiros Militar de Santa Catarina*. Florianópolis, 2008. (dissertação e mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- SANTOS, Alexandre Andrade dos. *A natureza da sanção disciplinar como medida socioeducativa ao adolescente autor de “crime militar”*. São Paulo: Universidade Bandeirante de São Paulo, 2010.
- SCOTT, Joan. *Gênero: “uma categoria útil para a análise histórica”*. Tradução de Cristine Rufino Dabat. Recife: SOS-Corpo. (mimeo)
- SILVEIRA, Maria Natália Barboza da. *As Delegadas de Polícia de São Paulo: profissão e gênero*. CECH/PPGSociologia.UFSCar. Dissertação de Mestrado. São Carlos. 2009.
- SIMMEL, Georg. *Cultura Feminina*. In: *A filosofia do Amor*. São Paulo, Martins Fontes, 2001, p. 67-92.
- SOARES, Bárbara Musumeci; MUSUMECI, Leonarda. *Mulheres Policiais. Presença feminina na Polícia Militar do Rio de Janeiro*. CESEC/ Ed. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2005.
- SOERENSEN, Andrea Alves. *Acidentes ocupacionais com ênfase ao risco biológico em profissionais do Atendimento Pré-Hospitalar móvel*. Ribeirão Preto: Faculdade de Enfermagem. Universidade de São Paulo, 2008. (Tese de Doutorado)
- SPIVAK, Gayatri. *Pode o subalterno falar?*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

WEIL, Simone. A condição operária e outros estudos sobre a opressão. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.